



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

**MARCAS EPICURISTAS EM HORÁCIO: OS DIÁLOGOS COM O LEITOR E AS
PRÁTICAS FILOSÓFICAS**

Natália de Araujo Franz

Rio de Janeiro
2023

NATÁLIA DE ARAUJO FRANZ

MARCAS EPICURISTAS EM HORÁCIO: OS DIÁLOGOS COM O LEITOR E AS
PRÁTICAS FILOSÓFICAS

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para obtenção do título de
Bacharel em Letras na habilitação
Português/Latim.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Arlete José Mota

Rio de Janeiro

2023

CIP - Catalogação na Publicação

F837m Franz, Natália de Araujo
MARCAS EPICURISTAS EM HORÁCIO: OS DIÁLOGOS COM O
LEITOR E AS PRÁTICAS FILOSÓFICAS / Natália de Araujo
Franz. -- Rio de Janeiro, 2023.
38 f.

Orientadora: Arlete José Mota.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Bacharel em Letras: Português-Latim,
2023.

1. Literatura Latina. 2. Epicurismo. 3. Horácio.
I. Mota, Arlete José, orient. II. Título.

Nem deve o jovem adiar o estudo da filosofia, nem o velho começar a dele se cansar. Com efeito, no que concerne a cuidar da saúde da alma, nada é prematuro ou tardio.

(Epicuro)

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família que, longe ou perto, me apoiou em todas as fases ao longo deste curso. À minha mãe e ao meu pai que não mediram esforços e compreensão para que essa jornada fosse possível. À minha tia Silene que me acolheu sem hesitar. Aos amigos que surgiram, aos que permaneceram, me ajudaram e aos encontros que o Rio de Janeiro e a Universidade me proporcionaram.

Aos mestres que tive ao longo do curso, em especial à minha orientadora, Prof.^a Arlete, que sempre se mostrou disponível e disposta a ajudar e, com isso, despertou a minha motivação para a pesquisa deste tema.

À todos aqueles que contribuíram e participaram, direta ou indiretamente do desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso, enriquecendo o meu processo de aprendizado através das aulas, conversas e experiências, deixo o meu muito obrigada!

RESUMO

O presente trabalho de monografia tem como objetivo examinar o pensamento filosófico em Roma, com ênfase nas influências da literatura grega, a identidade literária nacionalista romana e seu impacto no pensamento filosófico, destacando o fortalecimento do individualismo. Analisou-se o estoicismo e, principalmente, o epicurismo em Roma, evidenciando a preferência deste último, assim como o papel de Cícero na disseminação dos ensinamentos filosóficos romanos. Além disso, explorou-se a influência de Horácio, revelando sua abordagem estilística literária para transmitir sua filosofia, ressaltando seu epicurismo e a reflexão da sociedade romana. Em resumo, este estudo proporcionou uma compreensão ampla do pensamento filosófico romano, desde suas raízes gregas até a relevância de Horácio e Cícero na transmissão desses ideais filosóficos.

Palavras-chave: pensamento filosófico; Roma; Horácio; epicurismo; estoicismo; ensinamentos;

ABSTRACT

EPICUREAN ELEMENTS IN HORACE - DIALOGUES WITH THE READER AND PHILOSOPHICAL PRACTICES

The present monograph aims to examine the philosophical thought in Rome, with an emphasis on the influences of Greek literature, the nationalist Roman literary identity, and its impact on philosophical thinking, highlighting the strengthening of individualism. The stoicism and, particularly, the Epicureanism in Rome were analyzed, underscoring the preference for the latter, as well as the role of Cicero in disseminating Roman philosophical teachings. Additionally, the influence of Horace was explored, revealing his stylistic literary approach to convey his philosophy, emphasizing his Epicureanism and reflection of Roman society. In summary, this study provided a comprehensive understanding of Roman philosophical thought, from its Greek roots to the relevance of Horace and Cicero in transmitting these philosophical ideals.

Keywords: philosophical thought; Rome; Horace; Epicureanism; Stoicism; teachings.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	O PENSAMENTO FILOSÓFICO EM ROMA: CONSIDERAÇÕES GERAIS	10
2.1	O ESTOICISMO	13
2.2	O EPICURISMO.....	15
2.3	A IMPORTÂNCIA DE CÍCERO.....	18
3	HORÁCIO – A POESIA E DOCTRINAS FILOSÓFICAS: RECURSOS ESTILÍSTICOS LITERÁRIOS.....	20
4	A OBRA HORACIANA E A FILOSOFIA: UMA PROPOSTA DE ESTUDO DAS PASSAGENS SELECIONADAS 25	
4.1	DIÁLOGOS ENTRE HORÁCIO E SEU LEITOR: PRÁTICAS FILOSÓFICAS	28
4.2	UM ESTUDO COMPLEMENTAR: O ESTOICISMO EM HORÁCIO.....	32
5	CONCLUSÃO	35
6	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	37

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda a relação entre filosofia e literatura, com foco nas marcas epicuristas presentes na obra do poeta romano Horácio. O objetivo principal é expor e analisar como Horácio dialoga com o leitor por meio de suas obras, especialmente suas sátiras, e como suas práticas filosóficas influenciam sua produção literária. A relevância social dessa investigação reside nas máximas horacianas, que ainda hoje fornecem percepções valiosas sobre a vida e o pensamento humano.

Horácio (*Quintus Horatius Flaccus*) é um dos mais renomados poetas líricos e satíricos da Roma antiga. Sua obra abrange diferentes gêneros literários, incluindo odes, sátiras e epístolas. Através de seu trabalho, ele expressa sua visão de mundo e suas reflexões sobre a vida, a moralidade e a busca pela felicidade. Sua abordagem filosófica, influenciada principalmente pelo epicurismo, torna-o um autor de grande interesse para este estudo.

Para compreender plenamente a obra de Horácio, é essencial considerar o contexto histórico em que ele viveu. O período do Império Romano, com suas influências culturais e intelectuais, desempenhou um papel significativo na formação do pensamento horaciano. No entanto, é necessário também voltar um pouco mais no tempo e observar a relação entre a filosofia grega e a obra romana. A filosofia grega, especialmente o epicurismo, exerceu uma influência profunda sobre Horácio, moldando suas convicções e reflexões sobre a vida e o prazer. Muitos foram os pensadores que auxiliaram na formação do poeta romano e, entre os grandes autores o influenciaram, destaca-se Lucrecio, poeta romano conhecido por sua obra *De Rerum Natura* (*Sobre a Natureza das Coisas*), que abraça os princípios epicuristas. Lucrecio explorou a natureza do universo, a existência dos deuses e a busca pela tranquilidade da alma, conceitos que ecoam nas reflexões de Horácio sobre a vida e a moralidade.

Além de Lucrecio, outra figura de importância significativa para o estudo da filosofia em Roma é Cícero, grande orador e político romano. Embora Cícero não tenha sido um epicurista estrito, sua obra filosófica, em particular os diálogos, influenciaram profundamente o pensamento romano, incluindo o de Horácio. Cícero explorou uma ampla gama de temas filosóficos, incluindo ética, política e retórica, que certamente deixaram uma marca nas reflexões horacianas sobre a vida e a conduta humana.

Assim, ao considerar o período histórico e a relação entre filosofia grega e literatura latina, é fundamental reconhecer não apenas a influência do epicurismo, mas também a contribuição de grandes autores como Lucrecio e a importância das obras filosóficas e

retóricas de Cícero para a formação do pensamento de Horácio. Essas influências combinadas moldaram sua visão de mundo e a maneira como ele expressou suas reflexões filosóficas e éticas em suas obras literárias.

As principais obras de Horácio que serão analisadas neste trabalho são as suas sátiras, embora também sejam levadas em consideração as odes. Essas sátiras são um meio pelo qual Horácio dialoga diretamente com o leitor, transmitindo seus pensamentos e críticas de maneira satírica e perspicaz. Para a análise dessas obras, recorreremos a elementos da filosofia epicurista, buscando identificar as influências filosóficas presentes em sua poesia e entender como elas moldam sua perspectiva.

Esta pesquisa se baseia em trabalhos publicados sobre as práticas filosóficas na vida de Horácio e as implicações em sua obra literária. Estudos e interpretações acadêmicas que se aprofundam na relação entre filosofia e literatura, bem como nas influências epicuristas na poesia horaciana. Também são utilizadas possíveis evidências disponíveis nas obras de Horácio, buscando interpretar suas palavras à luz de suas práticas filosóficas.

Este trabalho tem como objetivo contribuir para a análise de revisão literária e filosófica, explorando as perspectivas expostas na obra de Horácio. Pretende-se elucidar as conexões entre sua abordagem filosófica, particularmente o epicurismo, o estoicismo e sua produção literária. Além de investigar as influências epicuristas em suas obras, também será apresentada a perspectiva estoicista e será observado como ela pode estar presente em sua poesia. Através dessa análise, busca-se compreender como Horácio dialoga com as diferentes correntes filosóficas de seu tempo, integrando elementos do epicurismo e do estoicismo em sua visão de mundo. Ao examinar as odes e as sátiras, espera-se destacar como essas perspectivas filosóficas moldam sua abordagem literária e suas reflexões sobre a vida, a moralidade e a busca pela felicidade.

Com essa pesquisa, espera-se enriquecer o debate sobre a interseção entre filosofia e literatura, demonstrando a complexidade do pensamento de Horácio e sua habilidade em incorporar diferentes influências filosóficas. Dessa forma, espera-se contribuir para uma compreensão mais abrangente do legado horaciano e sua relevância contínua no campo da filosofia e da literatura.

2 O PENSAMENTO FILOSÓFICO EM ROMA: CONSIDERAÇÕES GERAIS

Neste capítulo, a partir do livro *Literatura Latina – Volume I*, de Airto Montagner (2021) serão apresentados os principais acontecimentos que trilharam a formação do pensamento filosófico em Roma, perpassando desde as influências gregas, durante o apogeu do império romano, até uma breve introdução a respeito de alguns reflexos dessa cultura ainda visíveis na contemporaneidade.

Conforme Montagner (2021, p. 9): “A literatura é constituída essencialmente de suas obras e é através delas que sobrevive. No entanto, ela é o espelho de uma época, de uma sociedade, do pensamento e das concepções estéticas que permeiam a vida humana”. As obras literárias foram um dos instrumentos utilizados tanto para registro quanto para contextualização histórica das civilizações antigas, principalmente a grega e a romana, servindo esta como base ou princípio norteador para o objeto de estudo deste capítulo.

O período histórico conhecido como Época de César costuma ser compreendido entre 78 a.C. até a morte de Júlio César, ocorrida em 44 a.C. É nesse período que a República (*res publica*) encontra-se em meio a uma grande crise no sistema político, pois o domínio de um território imenso após sucessivas guerras de conquista acabou gerando problemas de administração e gestão. Contudo, além dos problemas gerados, a conquista de outros territórios proporcionou a integração dos povos vencidos num Estado romano único e esse aumento do contato com outros povos, especialmente os gregos, permitiu a ampliação de valores, de conhecimentos e até mesmo da realidade para os romanos. Referente à ampliação de valores, ocorreram diversas adaptações culturais de crenças que foram aceitas ou identificadas a divindades locais, por exemplo, Zeus, deus grego, é identificado em Roma como Júpiter; Hera com Juno etc., entre outras que serão tratadas a seguir.

Todavia, é necessário retornar ao período anterior, também conhecido como A Primeira Fase Republicana (240-79 a.C.). Quando questões culturais de outros povos entravam em confronto com princípios fundamentais da sociedade romana, limites eram impostos: em 186 a.C., ocorre a proibição das Bacanais (*Bacchannalia*) – rituais religiosos em homenagem a Baco (para os gregos Dionísio), deus do vinho; em 161 a.C. retóricos e filósofos gregos são proibidos de residirem em Roma e, dentre outros acontecimentos, mais tarde, passariam a ocorrer as perseguições aos cristãos nos primeiros séculos do Império.

Funcionando como uma espécie de lei não escrita, administrada pelo governante ou pelo *pontifex maximus* (sacerdote supremo), o *mos maiorum* ("costume dos ancestrais") reunia

o sentimento nacionalista, o conjunto de princípios morais e ideológicos norteadores de uma vida correta. Esses princípios permaneciam na consciência dos cidadãos romanos, principalmente aqueles cultos, desde as origens e por séculos afora, em contrapartida à grande abertura cultural propícia aos valores estrangeiros (*res novae*), principalmente os gregos. Ainda a respeito do *mos maiorum*:

Tem origem numa sociedade de camponeses e criadores que pautavam seu estilo de vida pelos ensinamentos passados de pai para filho, orientador das escolhas, das relações, das crenças e da modalidade de vida individual e comunitária. Por essas leis, regulava-se a vida religiosa e civil e pautavam-se as relações entre as tribos e as famílias. Tais valores éticos, [...] eram o ponto de ancoragem da ideologia dominante, do patriarcado, onde a figura do pater é central e conservadora (MONTAGNER, 2021, p. 50).

Alguns dos princípios norteadores do *mos maiorum* incluíam: virtude e coragem (*virtus*); seriedade, respeito e equilíbrio nas decisões (*gravitas*); cumprimento dos deveres para com os deuses, a pátria, a família e aos demais cidadãos (*pietas*); devoção (*devotio*); honra, boa ambição (*honor*); sinceridade e sobriedade (*simplicitas*); amizade (*amicitia*); coerência no comportamento (*constantia*); fidelidade, lealdade e manutenção do compromisso assumido (*fides*); e, além de muitos outros, mas não menos importante, a paz (*pax*).¹

Isto posto, é possível depreender que, durante o período em que os costumes dos ancestrais prevaleciam, o caráter ético sobressaía ao intelectual. Antes da integração dos costumes de outros povos, os romanos eram mais dados a agir do que a elaborar modelos abstratos para interpretar a realidade. Porém, esse modelo social remonta à idade arcaica, anterior ao período em que viveu o autor que será explorado neste trabalho.

Sobre o período pertinente a este trabalho observa-se que homem romano passa a ser dominado por um forte individualismo após passar por profundas transformações culturais decorrentes das turbulências políticas e sociais. As províncias não tinham ênfase na gestão administrativa, pois, devido às diversas conquistas, Roma passou a ter contato com um fluxo enorme de riquezas, porém destinada à posse de poucos, assim como o grande fluxo de pessoas escravizadas. Além disso, instaurou-se o que pode ser aqui comentado como uma crise política identitária devido à uma série de acontecimentos: na Itália houve a Revolta dos Escravos (73-71 a.C.); em 63 a.C. houve a tentativa fracassada de um senador assumir o controle de Roma, episódio que ficou conhecido como a Conjuração de Catilina; em 60 a.C. surge o primeiro triunvirato, composto por Pompeu, César e Crasso; e, por fim, em 49 a.C., César, junto com suas tropas, atravessou o Rubicão, rio que delimitava os limites de Roma,

¹ MONTAGNER, 2021, p. 50.

iniciando uma guerra civil. Com isso, o questionamento a respeito da dedicação pela pátria, pela coletividade e pela grandeza de Roma ganham força, desencadeando, assim, “a busca de um poder individual e de um espaço pessoal e privado que sirva de refúgio”².

Devido aos questionamentos que surgiam e também à busca pelo poder individual e espaço privado, muitos da camada mais elevada da sociedade romana passaram a buscar respostas nas doutrinas filosóficas gregas, até mesmo na própria Roma, onde diversos aristocratas abrigavam filósofos como hóspedes ou exercendo o papel de educadores.

Apesar dos momentos de tensão e crise, com o fundamental contato e integração com outras nações houve o enriquecimento cultural, ético e intelectual romano. Quando a literatura latina nasce, a grega já possuía uma longa história e, com sua contribuição, surge e perdura o pensamento filosófico em Roma. *De nihilo, nihil* (Lucrecio. *Da Natureza*, 1, 151)³, Nada vem do nada. Ainda que tenha servido como base, a literatura e a filosofia gregas chegaram à Roma através de traduções e influências culturais, foram adaptadas para atender às necessidades e interesses romanos. A filosofia romana foi fortemente moldada e influenciada pela sua natureza social prática e pela sua vinculação com questões políticas e éticas – muito devido aos costumes ancestrais (*mos maiorum*) que serviram de alicerce durante o estabelecimento da cultura enquanto nação e sua constante busca por expansão. Muitos filósofos romanos eram também políticos e/ou conselheiros dos governantes, e suas reflexões teóricas tinham como objetivo proporcionar orientação moral e política para a sociedade romana.

Embora a filosofia romana não esteja tão proeminente hoje em dia quanto em outros períodos históricos, suas influências fundamentais ainda são percebidas na maneira como concebemos o direito, a política, a ética e a educação. O cosmopolitismo romano promovia a ideia de que todas as pessoas são cidadãs do mundo e defendia uma ética de compaixão e responsabilidade universal. Essa noção de pertencimento a uma comunidade global e a importância de cuidar do bem-estar de todos os seres humanos pode ser encontrada em discussões contemporâneas sobre direitos humanos, justiça social e questões globais.

A filosofia grega, em sua forma original, era mais voltada para a especulação metafísica e a investigação abstrata da natureza do universo e do conhecimento. Após a

² MONTAGNER, 2021, p. 192.

³ MONTAGNER, 2021, p. 7.

contextualização tratada neste capítulo, duas serão as escolas abordadas a seguir: o Estoicismo e o Epicurismo. Ambas originárias da Grécia, foram transmitidas aos romanos e mais amplamente difundidas durante esse período, mantendo-se ainda hoje em suas práticas filosóficas contemporâneas.

2.1 O ESTOICISMO

O termo “Estoicismo” surge da palavra grega *stoá*, que significa pórtico, local de ensinamentos filosóficos. É uma das escolas filosóficas mais influentes e duradouras da Grécia Antiga. Surgiu no século III a.C., fundada por Zenão de Cítio, um comerciante fenício que nasceu no Chipre por volta de 334 a.C. Zenão foi influenciado por filósofos como Sócrates, Antístenes (fundador da escola cínica) e Crates de Tebas. Já durante sua vida adulta, mudou-se para Atenas, onde iniciou suas atividades filosóficas e fundou a escola estoica. Ao longo do tempo, a escola se desenvolveu e expandiu por meio das contribuições de outros filósofos estoicos como Cleantes, Crisipo e Epicteto.

Os princípios fundamentais dessa doutrina filosófica baseavam-se em (i) viver de acordo com a natureza, (ii) a aceitação do destino e (iii) a dicotomia do controle: aquelas que estão sob nosso controle e aquelas que estão além do nosso controle.

Faz-se necessário destacar a respeito do ponto (i) que, o conceito de “natureza” para os gregos e romanos não se assemelha ao que pressupõe atualmente, “os estoicos identificaram uma vida de acordo com a natureza com uma vida de acordo com a mais alta perfeição à qual o homem poderia alcançar. [...] Portanto, os caminhos da natureza não eram senão os caminhos da virtude” (STOCK, 2020, p. 16). Referente ao princípio (ii), os estoicos acreditavam que a causa do sofrimento humano estava na nossa resistência ao que é inevitável. Eles argumentavam que, em vez de lamentar ou se angustiar com as coisas que não podemos mudar, devemos concentrar nossa atenção e energia naquilo que está sob nosso controle, ou seja, nossos pensamentos, valores e ações. Isso não significa que os estoicos defendiam a resignação passiva diante do destino. Pelo contrário, eles enfatizavam a importância de agir com virtude e viver de acordo com a razão, mesmo diante das circunstâncias mais adversas. Eles acreditavam que, ao aceitar o destino e viver de acordo com a virtude, poderíamos alcançar a sabedoria e encontrar a ausência de perturbação: a ataraxia.

Por fim, (iii) de acordo com os estoicos, há duas categorias principais de coisas: as internas e as externas. As coisas internas são aquelas sobre as quais temos controle direto, como nossas opiniões, valores, desejos e ações. Já as coisas externas são aquelas sobre as quais não temos controle direto, como o clima, as ações dos outros, o destino etc. Os estoicos enfatizam que devemos nos concentrar apenas nas coisas internas, pois são as únicas sobre as quais temos poder real. Tentar controlar ou se preocupar excessivamente com coisas externas é considerado inútil e pode levar à frustração e ao sofrimento. Em vez disso, os estoicos propõem aceitar serenamente as circunstâncias externas, reconhecendo que não podemos mudá-las, e concentrar nossa atenção e esforços naquilo que está ao nosso alcance. Essa dicotomia do controle tem implicações práticas para a vida diária. Os estoicos acreditam que podemos alcançar a tranquilidade interior cultivando a virtude e vivendo de acordo com a razão, independentemente das circunstâncias externas. Eles enfatizam a importância de desenvolver a autodisciplina, a sabedoria e a virtude moral como meios de encontrar a paz interior e enfrentar os desafios da vida de maneira equilibrada.

Em termos práticos, a divisão da Filosofia para o estoicismo ocorre em três tópicos: lógica, ética e física. “A lógica lida com a forma e a expressão do conhecimento, a física com a questão do conhecimento e a ética com o uso do conhecimento” (STOCK, 2020, p. 21). O estoicismo oferece uma filosofia prática e abrangente, abordando questões éticas, psicológicas e metafísicas. Buscava explicar a realidade de modo racional e

colocava como centro de suas preocupações o homem e seu desejo de ser feliz, porém, não através do alcance da vida prazerosa, mas através da virtude. Esta visão apresentava ao indivíduo que a resolução dos seus problemas estava no estrito cumprimento dos seus deveres com a sociedade, exortando-os a um rigoroso empenho moral e político, para o bem da comunidade e em nome do amor que, por natureza, une todos os homens. Só a prática da virtude, pois, justifica a razão da vida humana (MONTAGNER, 2021, p. 193).

Visto ter sido uma escola já formada e em funcionamento quando Roma passa a ter contato com a Grécia, a escola estoica inicia sua integração à cultura romana já a partir do século II a.C. A questão ética estoica relaciona-se com o *mos maiorum* do povo romano, pois compartilham a preocupação central com a ética, a busca por uma vida moralmente correta e um rigoroso empenho moral e político. Sendo o *mos maiorum* referente às tradições, valores e normas morais que eram considerados fundamentais na sociedade romana, isto é, costumes ancestrais vistos como guias para uma vida virtuosa e correta que eram transmitidos de geração em geração e o estoicismo uma corrente filosófica que enfatiza a importância da virtude, do autodomínio e da aceitação serena dos eventos da vida, tanto o princípio romano quanto a escola filosófica enfatizam a importância de seguir princípios éticos, como a justiça,

a temperança e a coragem, como base para a conduta adequada na sociedade. Com isso, ambos têm como objetivo orientar as pessoas na busca por uma vida virtuosa, pautada em princípios morais sólidos e em consonância com o que era considerado correto e adequado na sociedade romana.

2.2 O EPICURISMO

O epicurismo é uma filosofia antiga que teve origem com Epicuro, um filósofo grego que viveu no século IV a.C. Nascido em 341 a.C., Epicuro era proveniente da ilha de Samos (no mar Egeu), assim com Pitágoras. Filho de pai imigrante da África, veio de uma família abastada, o que lhe proporcionou acesso a uma educação privilegiada. Se mudou para Atenas, onde estudou filosofia, dedicando-se a diferentes correntes filosóficas. No entanto, após sua estadia em Atenas, ele fundou a escola chamada "Jardim" (*kêpos*), onde passou a ensinar seus princípios filosóficos. Em 306 a.C. transferiu sua escola para Atenas – a capital do pensamento filosófico helenístico, onde atuou amplificando a fama de sua escola. Entretanto, desde a instalação de sua escola em Lâmpsaco, cidade da Mísia, agregaram-se a ela os mais fiéis colaboradores e discípulos, tais como Metrodoro, Colotés, Heródoto, Pitócles, Meneceu, Polieno, Idomeneu e Hermarco, que seria futuramente o seu sucessor no Jardim de Atenas.

Epicuro também acreditava que a filosofia deveria ser prática e voltada para a vida cotidiana. Pode se dizer, até mesmo, que era uma filosofia de caráter realista. Segundo ele, a chave para uma vida feliz está no equilíbrio entre o corpo e a mente, a felicidade consiste em, por meio desta filosofia, alcançar a ataraxia. A palavra "ataraxia" deriva do termo grego *ataraksia*, que pode ser traduzido como "tranquilidade" ou "ausência de perturbação". Para alcançar essa tranquilidade, Epicuro propunha a redução dos desejos e das ambições materiais, enfatizando a simplicidade e a moderação na busca por prazeres. Desse modo, seriam abandonados os medos irracionais e as paixões perturbadoras, como o amor, o ódio, a ira, as ambições materiais ou políticas, a vida competitiva, as guerras etc.

Apesar do incentivo à vida tranquila, com o abandono, inclusive, da vida competitiva, guerras e ambições políticas, “o epicurismo, inclusive, após a conquista da Grécia pelos romanos, foi objeto de uma ampla e calorosa acolhida nos círculos intelectuais de Roma”⁴. Epicuro morreu em 270 a.C., mas seu legado filosófico continuou a influenciar gerações

⁴ BINI, Edson. Posfácio. In: EPICURO. **Cartas de Epicuro: sobre a felicidade, sobre os fenômenos celestes, sobre a filosofia da natureza**. Tradução: Edson Bini. 1ed. Edição Bilingue. São Paulo: Edipro, 2021, p. 152.

posteriores. Seus escritos originais foram perdidos, mas fragmentos de suas obras sobreviveram por meio de citações e referências de outros filósofos antigos. A maioria das informações acerca da vida de Epicuro é creditada ao biógrafo e historiador da filosofia antiga Diógenes Laércio (c. 286 a.C.).

Ivan Luis⁵ comenta que Epicuro desejava que os homens amassem a vida e tirassem proveito das oportunidades de prazer que ela lhes proporciona, abandonando os sentimentos de ódio, paixões e adversidades autoimpostas. Acima de tudo, ele esperava que não se amargassem em vão com o medo da morte, conforme Lucrécio (94-50 a.C.) expressou em seus versos (*De rerum natura*. III, 37-40)⁶:

*Et metus ille foras praeceps Acherontis agendus
Funditus humanam qui vitam turbat ab imo,
Omnia suffundens mortis nigrore; neque ullam
isse voluptatem liquidam puramque relinquit.*

Devemos lançar longe de nós esse medo do Aqueronte, que profundamente perturba a vida humana em seu próprio âmago, e, cobrindo tudo com o negror da morte, não nos deixa nenhum prazer tranquilo e puro.

Tito Lucrécio Caro foi um dos mais importantes poetas romanos que viveu na última fase da República, e não só expôs a doutrina de Epicuro, mas a valorizou e a propagou, perpetuando-a. *De Rerum Natura (Sobre a Natureza das Coisas)* foi a única obra deixada por este autor, onde Lucrécio expõe de forma detalhada os princípios e ensinamentos epicuristas, traduzindo-os para a língua latina e tornando-os acessíveis ao público romano. Contudo, a obra não foi publicada durante a vida do autor. Quem cuidou disso parece ter sido Cícero, outro importante autor latino, que será tratado a seguir. Em sua obra, Lucrécio apresenta e transmite os fundamentos do Epicurismo, como a busca pela felicidade, a importância do prazer e a ataraxia (tranquilidade da alma). O principal destaque é de que Lucrécio não dissemina os ensinamentos epicuristas através de uma perspectiva fria e racional, mas o faz com uma interpretação poética dos fenômenos do universo, “segundo a qual todas as coisas nascem e morrem pela união ou desagregação de átomos”⁷.

⁵ LUIS, Ivan. Introdução. In: SILVA, Agostinho da. **O epicurismo: contendo uma antologia de textos de Epicuro e da Natureza de Lucrécio**. Estudos introdutórios de E. Joyau, G. Ribbeck; introdução de Ivan Luis. Rio de Janeiro: Globo, 1966.

⁶ Tradução de Agostinho da Silva (SILVA, 1966).

⁷ MONTAGNER, 2021, p. 226.

Composta por seis livros, a obra de Lucrécio *Sobre a Natureza das Coisas* pode ser analisada da seguinte forma: o autor inicia o Livro I com um hino que invoca Vênus, deusa do amor, mas também deusa geradora da natureza, portadora da alegria e da paz. Após isso, exalta a ciência e realiza um elogio a Epicuro, por ter sido dele o primeiro a insurgir-se contra a religião. Apresenta, então, a teoria atômica de que todas as coisas, inclusive a vida, são formadas por elementos físicos indivisíveis e indestrutíveis, os átomos. Esta teoria visa a libertação do obscurantismo religioso através da assunção da ciência sobre o lugar da religião. Para além disso, a libertação também pretendia pôr fim aos temores da morte ou das penas após a morte, visto que, ao morrer, apenas os átomos se desagregam e flutuam no vazio. Com isso, constitui-se tanto o princípio da natureza, quanto possibilita-se de mais uma forma alcançar a ataraxia – imperturbabilidade do espírito. O livro II se inicia com um elogio à filosofia, porém, são adicionadas mais informações a respeito da interação e combinação dos átomos e como eles produzem a grande variedade de coisas. Com isso, esses dois livros iniciais descrevem o universo de acordo com a física de Epicuro. Os livros III e IV tratam sobre o princípio da vida (*anima*) e do princípio da atividade racional (*animus*).

No livro V, Lucrécio explora a teoria da origem e formação do mundo. Aborda os problemas cosmológicos de forma racionalmente similar a como discorre sobre a morte: não deve ser motivo de preocupação, pois, assim como teve início, o universo terá fim. Além disso, “A crença nos deuses e na religião surge do desconhecido e da ignorância”⁸. No sexto e último livro, Lucrécio fala sobre fenômenos naturais, questões geofísicas e meteorológicas como tempestades, raios e terremotos. Ele busca mostrar que esses eventos não são sinais de fúria dos deuses, mas sim eventos naturais que podem ser compreendidos cientificamente. Lucrécio descreve em detalhes como esses fenômenos ocorrem de acordo com as leis naturais e como eles são resultado da interação dos átomos. Ele enfatiza a ideia de que a natureza é regida por leis imutáveis e que os eventos naturais podem ser explicados sem recorrer à intervenção divina.

Mesmo que o mestre Epicuro condenasse a poesia, visto que ela suscitava paixões e, conseqüentemente, perturbava o espírito – prejudicando, desse modo, a ataraxia –, a grandeza da obra de Lucrécio está na sua poesia e não na filosofia que visava propagar. Ainda assim ocorre a combinação da poesia e filosofia para transmitir ideias de uma maneira persuasiva e acessível.

⁸ MONTAGNER, 2021, p. 229.

Lucrécio repercutiu positivamente influenciando autores posteriores como Horácio e Virgílio, notadamente nas *Geórgicas*. Também foi admirado por Tácito e Quitiliano. Foi polemizado por autores cristãos, como Latâncio, Jerônimo e Tertuliano, em função do materialismo e da doutrina de Epicuro (MONTAGNER, 2021, p. 233).

2.3 A IMPORTÂNCIA DE CÍCERO

Marcus Tullius Cicero foi um importante político, advogado e orador romano que viveu entre os anos 106 a.C. e 43 a.C. Além de ser considerado um dos mais destacados e influentes pensadores da República também foi o maior representante da oratória romana. Nasceu em Arpino, no Lácio, uma cidade da região central da Itália, e recebeu uma educação abrangente em retórica, filosofia, literatura e direito, ainda que fosse tido como um *homo novus*, alguém que provém de uma família que não havia ocupado cargos públicos anteriormente. O notável orador romano iniciou sua carreira como advogado e rapidamente ganhou reputação por sua habilidade em oratória e persuasão. Ele se tornou conhecido por sua eloquência e pela capacidade de convencer audiências tanto nos tribunais quanto na arena política. Foi eleito para diversos cargos políticos, incluindo questor, edil, pretor e, eventualmente, cônsul, a mais alta magistratura romana. Durante seu mandato como cônsul em 63 a.C., ele ganhou destaque ao dismantelar uma conspiração liderada por Catilina contra a República Romana.

Além disso, Cícero também teve uma contribuição significativa para a filosofia romana, incluindo o epicurismo e o estoicismo – as duas escolas que estavam no auge do debate durante a crise republicana. Ele admitia o valor de várias escolas filosóficas e buscava uma síntese filosófica que combinasse diferentes ensinamentos. Em suas obras filosóficas, como *Sobre as Naturezas dos Deuses* e *Sobre os Deveres*, ele apresentou e discutiu as ideias do epicurismo, fornecendo uma visão equilibrada das várias correntes filosóficas da época. Embora Cícero não tenha sido um epicurista estrito, ele reconhecia o valor e a relevância do epicurismo como uma escola filosófica que poderia fornecer orientação prática para a vida cotidiana dos romanos.

Com o auge da ditadura de César, em 46 a.C., Cícero cessa sua atividade política e, em seu momento de *otium* (“tempo livre”), dedica-se à filosofia. Seu intento era divulgar o pensamento filosófico grego junto à aristocracia senatorial romana, com a qual se identificava. Entendia que os conhecimentos do patrimônio filosófico grego forneceriam à classe dirigente uma sólida base cultural, sem dúvida necessária (MONTAGNER, 2021, p. 260).

Apesar de não ter criado nenhum pensamento filosófico original, Cícero preferiu assumir um papel educativo perante a sociedade. Traduziu e adaptou várias obras filosóficas gregas para o latim, fixando um léxico que passaria às gerações seguintes e estabelecendo

uma linguagem filosófica para o latim. Essas traduções permitiram que os romanos tivessem acesso às ideias e aos princípios do pensamento grego, familiarizando-se com seus conceitos e doutrinas. Sua abordagem eclética, combinando elementos do estoicismo, platonismo e epicurismo, influenciou o pensamento filosófico posterior e contribuiu para a formação de uma tradição filosófica romana distintiva. Suas ideias, escritos e ensinamentos continuam a ser estudados e valorizados como parte integrante da herança intelectual e cultural da humanidade.

No entanto, a carreira política de Cícero teve altos e baixos, e ele acabou se tornando alvo de inimigos políticos. Sua defesa da república, sua luta contra a tirania e seu compromisso com a justiça influenciaram a política e a teoria política posterior. Seu trabalho como advogado e jurista também deixou um legado no campo do direito. Entretanto, ele foi forçado ao exílio em 58 a.C., mas retornou a Roma no ano seguinte. Após o assassinato de Júlio César em 44 a.C., Cícero se opôs a Marco Antônio e suas ambições políticas, o que levou à sua morte em 43 a.C., novamente por ordem de Marco Antônio.

3 HORÁCIO – A POESIA E DOUTRINAS FILOSÓFICAS: RECURSOS ESTILÍSTICOS LITERÁRIOS.

Para que seja possível a análise da obra do autor a partir da perspectiva deste trabalho, faz-se necessária ao menos uma breve apresentação da trajetória de Horácio, expondo certos eventos que trilharam sua jornada desde o nascimento até o legado deixado por sua vida e obra. Com isso, além do autor em si, este capítulo irá contextualizar também a organização política, as relações, relacionamentos, costumes e crenças da época etc., isto é, a cultura romana e os acontecimentos históricos de modo geral. Nas palavras da professora Zélia de Almeida Cardoso (2003, p. IX), “A compreensão das manifestações culturais de um povo pressupõe o conhecimento das circunstâncias em que elas se produziram”.

A obra que Horácio nos deixou pode ser reflexo de uma vida equilibrada, sem ser demasiado satisfeita devido ao seu caráter ambicioso, mas tampouco sem que por isso fosse consumido por eterno descontentamento até porque, assim como na filosofia epicurista, é possível dizer que o poeta, que também é um expoente na sátira, almejava a ataraxia – ausência de problemas/inquietação.

Ainda que tenha ido estudar em Atenas, pelo fato de não ter seguido ou sido de alguma escola filosófica explicitamente, não foi possível para a presente pesquisa encontrar referência bibliográfica de algum mestre a quem Horácio tenha seguido.

Quintus Horatius Flaccus foi um poeta, filho de escravo liberto, homem do interior, nascido em 65 a.C. na cidade de Venúcia, ao sul da Itália, que estava entre a Apúlia e Lucânia, e veio a falecer em 8 a.C. na cidade de Roma. Apesar de não ter nascido em família rica, aos 7 anos de idade foi estudar em Roma e, por volta dos 20 anos de idade, conseguiu chegar até Atenas para aperfeiçoar seus conhecimentos. No mesmo ano, em 44 a.C., César é assassinado e inicia-se a guerra civil pela sua sucessão. Com isso, Horácio recebe o cargo de *tribunus militum* (tributo militar), o que lhe dava o comando de uma legião, mas abandona seu escudo e foge durante a batalha de Filipos – conforme relata em forma de constrangimento na Sátira I, 6. Após a guerra é anistiado e volta a Roma, onde passa a viver de forma modesta, pois seus bens, como a propriedade de seu pai em Venúcia, haviam sido confiscados. Apesar disso, ele obteve um cargo de serviço civil no Tesouro (*scriba quaestorius*) e, a partir de então, começa a escrever e divulgar seus versos: *Epodos* e *Sátiras*, tornando-se conhecido.

É apresentado a Mecenas por seus amigos Virgílio e Vário, também poetas, e passa a se dedicar a suas próprias obras. Nove meses depois é convocado pelo cavaleiro romano a

integrar seu currículo de artistas e tornar-se um dos poetas oficiais do Estado. Ambos se tornam amigos e, devido a sua relação harmoniosa, Mecenas o presenteia com um sítio em um vale ameno onde passa a viver. Por meio de sua relação com Mecenas, Horácio também passa a se relacionar com Augusto que o convida para ser seu secretário, esperando ser exaltado pelo poeta. Porém, Horácio recusa seu convite, mas, ainda assim, se torna amigo do Imperador.

Com relação ao tema amoroso na poesia de Horácio, não é possível restringir ao enfoque de um amor romântico, visto que, durante sua vida e presente em sua obra, não é possível identificar nenhuma união permanente formalizada. Apesar de estarem presentes em sua poesia, em momento algum o autor realça ou privilegia alguma de suas musas. Preza pelo equilíbrio racional como estratégia de fuga do sofrimento humano que pode ser ocasionado pela paixão com entrega total. Neste sentido, compreende-se então a variabilidade de suas amantes com o intuito de evitar a perda de sua paz interior tão objetivada. Pode-se observar que “Na poesia amorosa horaciana, as qualidades do artista superam o homem com seus sofrimentos” (SILVA, 1987, p. 90). Com isso, é possível talvez inferir que sua personalidade se reflete por meio de sua própria poesia lírica. Acrescente-se ainda que “Ele se destaca como moralista: essa é a dominante de seu pensamento. Sua preocupação fundamental é ensinar a viver bem, sem excessos. Não acreditava em felicidade absoluta; mas numa felicidade possível que deve ser buscada” (TRINGALI, 1995, p. 15).

Perpassando novamente pelo período histórico, pouco após o nascimento de Horácio, durante sua infância e até o momento em que vai para a Grécia aprimorar seus estudos, Roma é governada por Júlio César, no período de 60 a 44 a.C., que foi essencial para a expansão e transformação da República Romana no Império Romano. Já a respeito da literatura no período em que Horácio passou a publicar suas obras, destaca-se que é a época em que a literatura latina estava em seu apogeu – a chamada época augustana (43 a.C. a 14 d.C.), na qual havia grande incentivo do Imperador Augusto para reconstrução moral de Roma e em que se almejava a *pax romana*. Conforme apresentado por Tringali (1994, p. 12), sobre o poeta: “Ele se consagra como poeta do amor e da paz. Detesta, do fundo da alma, o espírito guerreiro do romano”. O mesmo estudioso, em obra posterior, prossegue com as observações sobre a poesia horaciana: “Ele canta os temas da vida cotidiana, de modo subjetivo e se consagra como poeta da juventude, do amor, da amizade, do vinho, da festa” (TRINGALI, 1995, p. 13).

É incontestável que Horácio percorreu diferentes gêneros literários, principalmente os pouco usados na época, com grande versatilidade. Consagrou-se como poeta lírico e satírico romano e escreveu odes, epodos, epístolas e sátiras. Cronologicamente, as datas de publicação das obras de cunho satírico (*Epodos* e *Sátiras*) são aproximadas, entretanto, os *Epodos* servem como elemento mediador entre as *Sátiras* e as *Odes*, pois Horácio é o poeta que renova esse gênero em Roma. Tanto as *Sátiras* quanto os *Epodos* foram escritos com um caráter jocoso, aproximando-se da ironia em certos momentos, embora sempre fosse possível identificar a preocupação filosófica ali presente.

Reconhece-se a sátira como gênero literário na literatura latina – não se pode deixar de citar, contudo, a título de curiosidade, o quão Horácio considerava perfeita a literatura grega, como se pode observar nos versos *Vos exemplaria graeca/ nocturna uersate manu, uersate diurna*, “Quanto a vós, compulsai de dia e compulsai de noite os exemplares gregos”⁹ (*Ars Poetica*, 268-269). Inicialmente, Lucílio (180-103 a.C.) – poeta considerado pai da sátira como gênero romano é quem mais influencia Horácio. É possível que características diferentes em suas obras tenham evoluído a partir do momento histórico bastante distinto em que viveram. De acordo com Zélia de Almeida Cardoso, “Horácio prefere, em algumas circunstâncias, censurar, por meio da sátira, não uma pessoa determinada, portadora de certo defeito, mas o defeito em si, em sua universalidade e generalidade” (CARDOSO, 2003, p. 94).

Em suma, o poeta publicou quatro livros de odes (*Carmina*), um livro de *Epodos* (*Iambi*), dois livros de *Sátiras* (*Sermones*) e dois livros de *Epístolas*. Publica suas obras entre 41 e 13 a.C. Sendo as *Sátiras* escritas em hexâmetros; os *Epodos* escritos em dístico iâmbico; as *Odes* com ritmos variados. Acrescente-se que a terceira epístola do segundo livro das *Epístolas* é conhecida como *Arte poética*, uma carta de orientação para quem resolve dedicar-se à literatura onde aborda a arte dramática e a estética literária. Além disso, Horácio também compôs o *Canto Secular*, um hino oficial composto a pedido de Augusto, para ser cantado nos Jogos Seculares.

Partindo dos livros publicados pelo venusino, as *Odes* (do grego *odé*) eram uma forma de composição poética para serem cantadas, que desde Homero costumava estar acompanhada da lira – isto é, poemas líricos. As *Odes* horacianas forma intituladas *Carmina* – recorde-se que o vocábulo *carmen*, na língua latina, pode ser entendido como “poesia

⁹ Tradução de R. M. Rosado Fernandes (FERNANDES, 1984, p. 95).

inspirada”, revelando questões importantes sobre a noção de inspiração poética. Deve-se acrescentar ainda sobre a ode, que desde a época helenística o gênero passou a ser destinado à leitura, deixando de ser executado com acompanhamento musical. Horácio esforçou-se para retomar as formas da grande lírica grega arcaica e o fez através de suas *Odes*. Pelas que podem ser datadas, estima-se que passaram a ser produzidas e publicadas a partir do ano 30 a.C. Os quatro livros totalizam 130 odes sendo elas manifestações líricas de breve extensão, com ritmos variados, tendo modelos poetas líricos gregos como Alceu, Safo e Anacreonte. São nos quatro livros das *Odes* de Horácio, que só foram publicados após os livros das *Sátiras*, que mais se evidencia sua técnica apurada de versificador pela veia poética. Foram composições nos mais variados metros gregos, “desde as antigas estrofes alcaicas e sáficas, à estrofe asclepiadeia da época helenística” (FERNANDES, 1984, p.16).

Os dois livros das *Sátiras* (*sermones*) trazem uma coletânea de dezoito composições em hexâmetros. Foram uma forma não apenas de sobrevivência, após Horácio retornar para a Itália depois da guerra e ter seus bens e os de seu pai confiscados, mas, também, uma alternativa para se impor como autor e poeta, mesmo à custa de possível escândalo¹⁰.

Ó Júpiter, pai e rei, que se estrague de ferrugem minha arma guardada e que ninguém fira a mim, desejoso de paz! Mas aquele que me perturbar (grito que é melhor não me tocar) chorará e será cantado por toda a cidade como infame.

[...]

Para que não me alongue: ou se a velhice tranquila me espera ou se a morte me sobrevoa com suas negras asas, rico, pobre, em Roma, ou, se a sorte assim me ordenar, exilado, qualquer que seja a cor da minha vida, escreverei (*Sátiras*. II, 1).

Houve sempre a preocupação por parte do poeta em não atacar cidadãos importantes a quem respeitava e, ainda que realizasse diversos ataques a “gregos e troianos”, o fazia de forma mais bem-humorada e menos grosseira, trazendo essa perspectiva mais maleável para a poesia satírica. A exemplo disto, utiliza-se do “diálogo” com Trebácio (personagem presente na *Sátira* II, 1) para expor sua cautela e conhecimento das leis a fim de evitar injúrias contra outrem: “[...] te acauteles, a fim de que a ignorância de nossas sagradas leis não te acarrete, por acaso, alguma dificuldade: se alguém compuser versos maus contra outrem, há leis e

¹⁰ As traduções das sátiras que constam nesta página e nas páginas 25, 26, 28, 30 e 33 são de autoria de Edna Ribeiro de Paiva (PAIVA, Edna Ribeiro de Paiva. Tradução e comentários. In: HORÁCIO. *Sátiras*. Tradução e comentários de Edna Ribeiro de Paiva. Niterói, RJ: Editora UFF, 2013). As demais traduções serão assinaladas no momento oportuno.

juízos”. Desse modo, é possível também inferir ao longo de sua obra alguns rastros autobiográficos, ideias morais e filosóficas que expressam seus traços epicuristas, que serão tratados de maneira mais detalhada no capítulo seguinte.

Sempre que possível, não hesitava em tecer elogios ao seu falecido pai como forma de reconhecimento e gratidão e, em respeito a isto e junto à sua formação, fazia questão da excelência estética. A exemplo de sua sublimidade estética versificada foi-nos deixada a *Epístolas aos Pisões*, conhecida como a famosa *Arte Poética*, que entrelaça discussões sobre problemas de metros, personagens e temas com passagens de ironia e poeticidade e, por vezes, considerado como um poema fundador para outras poéticas do Ocidente.

4 A OBRA HORACIANA E A FILOSOFIA: UMA PROPOSTA DE ESTUDO DAS PASSAGENS SELECIONADAS

Assim que retorna para a Itália, após ter abandonado a guerra e ter sido anistiado, Horácio se vê sem meios para viver, pois a casa e os bens que seu pai havia deixado foram confiscados e doados a um soldado de Augusto. Em busca de um modo de sobreviver, passa a escrever sobre a sociedade que observa. Neste capítulo, o objeto de análise será o Livro II das *Sátiras* de Horácio, uma obra que oferece uma visão perspicaz e satírica da sociedade e dos costumes do período, porém, sem deixar de consultar e apresentar também as demais obras como instrumentos de auxílio para o estudo. Este breve trabalho sobre o Livro II das *Sátiras* de Horácio é o resultado de reflexões surgidas da leitura desses versos e de algumas análises que foram feitas sobre eles.

Montagner (2021, p. 426) destaca que “os romanos tinham convicção de que a sátira era um gênero totalmente romano (*satura tota nostra est*). Horácio indica Lucílio como criador do gênero”. Embora os escritos de Lucílio tenham sido em grande parte perdidos, seu impacto na criação desse gênero literário inestimável não pode ser subestimado. Em sua própria obra Horácio dedica a criação da Sátira romana ao seu antecessor:

*cum est Lucilius ausus
primus in hunc operis componere carmina morem*
(*Sátiras*. II, 1, v. 62-63).

Quando Lucílio ousou em primeiro lugar escrever versos nesse gênero.

A segunda publicação de sátiras por Horácio, em particular, é conhecida por sua abordagem filosófica e introspectiva, pois pode ter relação com as experiências vividas por ele, enquanto o poeta explora temas como a busca da felicidade, a natureza humana e as limitações da riqueza e do poder. Conforme apontado por Edna Ribeiro de Paiva, em meio aos comentários introdutórios de sua tradução: “A leitura deste clássico permite ainda restabelecer elos, que se tornaram invisíveis, entre o que se vive hoje e o que passou – língua e história” (PAIVA, 2013, p. 11). Quanto ao que se refere ao período de publicação das *Sátiras* (ou *Sermones*), tem-se: o Livro I teria sido publicado em torno de 35-30 a.C. e Livro II teria sido publicado por volta de 30-29 a.C. Para Enzo dell Carratore,

Sermones é o nome que a maioria dos manuscritos conserva para esta coletânea de dezoito composições em hexâmetros, que poderia chamar, não sem muitas reservas, Crônicas Romanas: são pequenos contos, anedotas, confidências, cartas, diálogos, repletos de referências a pessoas e acontecimentos da época, cujo sentido às vezes nos escapa (CARRATORE, 2001, p. 44).

Visto ter sido filho de um escravo liberto e não ter tido origem nobre, o poeta venusino compreendia a necessidade de cautela na escolha de suas palavras e de se atentar a quem dirigia suas sátiras dentro da sociedade. Ao longo do Livro II das *Sátiras*, Horácio utiliza a sátira como uma ferramenta para criticar os vícios e as falhas humanas. Ele aborda temas como a ganância, a busca desenfreada por riquezas e o desejo de poder. Por meio de sua análise crítica, o autor busca despertar a consciência dos leitores e incentivar uma reflexão sobre a própria natureza humana. Porém, adere ao princípio de que a virtude está exatamente na medida justa e equilibrada das coisas – mostrando, desse modo, os princípios epicuristas em sua formação.

Embora Horácio não tenha se dedicado exclusivamente à filosofia, ele estava imerso no ambiente intelectual de sua época e foi influenciado por várias correntes filosóficas. Desde os filósofos gregos, como Sócrates, que frequentemente dialogava com o povo, há o que Enzo dell Carratore define como “preocupação didático-moralizante”¹¹, que pode ser encontrada na sátira luciliana e horaciana. Essa preocupação nasce do desejo de divulgar suas ideias, principalmente de conteúdo moral, e é sanada por meio da restrição do campo de ação à observação de pessoas e fatos da vida e do tempo, procurando neles o que possa ser atacado, criticado, corrigido à luz tão somente do bom senso itálico e romano que permanecerá, ao lado do elemento moralizante.

A abordagem dos temas filosóficos por meio de uma perspectiva em primeira pessoa é uma estratégia amplamente utilizada para explorar a natureza da existência humana, a busca pelo significado da vida e as complexidades do conhecimento e da verdade. Nessa abordagem, o filósofo mergulha em suas próprias experiências subjetivas, reflexões e indagações, buscando compreender a realidade por meio de uma análise interna profunda. Essa aproximação pessoal permite uma imersão singular no mundo da filosofia, proporcionando uma conexão íntima entre o pensador e o leitor. Uma exemplificação dessa abordagem encontra-se ilustrada no trecho a seguir:

*...namque deos didici securum agere aevom
nec, siquid miri faciat natura, deos id
tristis ex alto caeli demittere tecto.*

(*Sat. I, 5, 101-103*).

... porque aprendi que os deuses levam uma vida indiferente e, se a natureza fizer algo de maravilhoso, os deuses cruéis não enviaram isso de sua alta morada do céu.

¹¹ CARRATORE, 2001, p. 47.

Note-se que está em concordância de sentido e forma com os versos de Lucrecio¹²:

Nam, bene qui didicere deos securum agere aevum...

(De rer. nat. V, 82; VI. 58)

Pois os que bem aprenderam que os deuses um leve evo levam.

Este trecho pode exemplificar ainda a crença epicurista de Horácio que os deuses vivem em um estado de tranquilidade e indiferença, pois, de acordo com essa filosofia, os deuses não se envolvem nas preocupações humanas nem interferem na ordem natural do mundo. Acreditava-se que os deuses, sendo seres perfeitos e eternos, desfrutavam de uma existência despreocupada e serena. Eles não eram considerados como forças ativas no destino humano, mas sim como modelos de serenidade e ausência de perturbações. Portanto, o papel dos deuses na escola epicurista é o de proporcionar um exemplo de tranquilidade e despreocupação para os seres humanos, sugerindo que a busca pela ataraxia, ou seja, a ausência de perturbação mental, é um objetivo valioso na vida.

Os epicuristas eram frequentemente criticados por serem considerados hedonistas que se entregavam aos prazeres sensuais de forma desenfreada, incluindo a busca pelo prazer na alimentação. No entanto, Horácio procura desconstruir essa imagem distorcida dos epicuristas e apresentar uma visão mais equilibrada de sua filosofia. Ele ressalta a importância de desfrutar da comida e da bebida de forma adequada, sem cair em excessos que possam trazer consequências negativas para a saúde e a própria busca pela felicidade. Ao combater as acusações de excessos epicuristas à mesa, Horácio promove uma visão mais sofisticada da filosofia epicurista, que se concentra não apenas na busca do prazer imediato, mas também na busca por uma vida plena e autêntica. Alice da Silva Cunha (1985) apresenta essa importante característica presente na obra do autor latino: em reflexo preciso ao pensamento do mestre Epicuro, Horácio refuta categoricamente uma das acusações frequentes contra os epicuristas ao seu excesso à mesa:

Cum labor extuderit fastidia, siccus, inanis

Sperne cibum uilem, nisi Hymettia mella Falerno

Ne biberis diluta. Foris est promus et atrum

¹² Tradução de Acácio Luiz Santos (SANTOS, Acácio Luiz. Tradução, introdução e notas. In: LUCRÉCIO CARO, Tito. **Da natureza das coisas**. Tradução, introdução e notas de Acácio Luiz Santos. Rio de Janeiro: Cyclicus Editorial, 2019).

Defendens pisces hiemat mare: cum sale panis
Latrantem stomachum bene leniet. Vnde putas aut
Qui partum? Non in caro nidore uoluptas
Summa, sed in te ipso est.
 (Sátiras. II, 2, 14-20)

quando o exercício expulsar teu fastio, sedento, faminto, despreza um alimento vil, só bebas o mel de Himeto diluído no Falerno.

Teu cozinheiro está fora e o mar encapelado está tempestuoso, protegendo os peixes. Um pão com sal acalmará bem teu estômago que ronca. Como pensas que isso é conseguido? O maior prazer não está no cheiro do alimento caro, mas em ti mesmo.

Em sua obra, Horácio realiza também um elogio à mesa simples de sua própria propriedade rural, como acentua José Rodrigues Seabra Filho (2015, p. 60).

O noctes cenaque deum, quibus ipse meique
ante Larem proprium uescor uernasque procaces
pasco libatis dapibus!
 (Sátiras. II, 6, v. 65-67)

Oh! Noites e refeições dos deuses, nas quais eu como e também meus amigos, em meu próprio lar, e alimento meus escravos atrevidos, após oferecer aos deuses seu quinhão.

Ao longo de todas as suas obras e durante sua vida, não é possível identificar nenhuma evidência de relação amorosa como alguma união permanente formalizada. Estão presentes, sim, em sua poesia musas diversas, porém, sem atribuir privilégios a uma ou outra especificamente. “Lucrécio insiste no fato de que a paixão deve ser evitada, pois trata-se de uma ilusão e como tal só pode ser considerada enganosa, levando os homens à perdição.” (CUNHA, 1985, p. 110). De modo semelhante, porém, através do modo de vida presente em sua obra, Horácio reconhece apenas o amor carnal, espontâneo e instintivo. Horácio retrata o amor em suas composições como uma manifestação natural e visceral, distante das idealizações românticas e dos jogos de poder frequentemente associados a esse sentimento. Não transferiu crédito a qualquer outro amor de caráter espiritual e acreditava que: “deixar de viver o hoje é transferir o gozo da felicidade para um momento que pode não se concretizar” (SILVA, 1987, p. 96). Ao longo da Sátira I, 2, fica claro o tom irreverente que o autor trata do amor: *namque parabilem amo uenerem facilemque*, v. 119 (“pois gosto do amor barato e fácil”). Apesar disso, reprova veementemente o adultério com mulheres casadas, pois levam a perigos reais em contraponto à relação com a mulher liberta, cuja verdade revela desde o início.

4.1 DIÁLOGOS ENTRE HORÁCIO E SEU LEITOR: PRÁTICAS FILOSÓFICAS

Um fato interessante é que, quando Epicuro retorna à Atenas e lá instala sua escola filosófica ele a estabeleceu em um Jardim, tanto é que seus seguidores epicuristas eram chamados de “filósofos do Jardim”. Ao se tornar amigo de Mecenas, um cidadão muito rico, Horácio optou apenas por um sítio em meio a um vale ameno onde passa a viver com um modo de vida tranquilo. Assim, instalado em seu sítio, Horácio, de modo similar aos filósofos do Jardim, passa a adotar o *modus uiuendi* seguindo alguns dos princípios epicuristas.

Conforme o trecho abaixo e já avançado em sua vida e obra, Horácio discorre a respeito do sistema filosófico predominante em si:

*Ac ne forte roges quo me duce, quo lare tuter:
Nullius addictus iurare in verba magistri,
Quo me cumque rapit tempestas deferor hospes.
Nunc agilis fio et mensor civilibus undis,
Virtutis verae custos rigidusque satelles;
Nunc Aristippi furtim praecepta relabor
Et mihi res, non rebus, subiungere conor.*
(*Epist.* I, 1, 13-19)

E, para que não venhas, talvez, a perguntar-me em que mestre ou escola eu me escude, adiantarei que não preciso jurar sobre as palavras de mestre algum e que, qual passageiro dum barco, sou levado, ao sabor da tormenta, por onde ela me esgarrar: ora me torno expedito na palavra, mergulho nas águas da política nacional, observo a verdadeira virtude e dela me torno guardião inflexível; ora volto a deslizar, a furto, nas doutrinas de Aristipo¹³, e me esforço para que as coisas me obedeçam, não eu a elas.¹⁴

Horácio não apenas incorporou muitos princípios filosóficos em sua vida como também se deixou levar pelos mais inesperados fatores externos: guerras, contato próximo aos mais importantes governantes políticos de sua época e demais cidadãos da sociedade. Com isso, a partir das escolhas que determinaram seu modo de vida, é possível identificar que ele defendia o desfrute dos prazeres simples, o afastamento de desejos excessivos e o cultivo da amizade e contentamento. Esta abordagem moderada e equilibrada da vida com ênfase na ética e na felicidade pessoal girava em torno dos principais temas epicuristas e, em certos

¹³ Filósofo grego e primeiro discípulo de Sócrates.

¹⁴ Trecho e tradução retirados de Enio Aloísio Fonda (1997, p. 59).

momentos, aproxima-se também aos ensinamentos estoicistas, apesar dessas escolas diferirem-se em suas abordagens e crenças. Visto isso, faz-se necessário voltar a atenção para o estoicismo em Horácio, mas isto será abordado no subcapítulo 4.2.

Após as *Sátiras*, em que Horácio se direciona à sociedade de sua época, em suas demais obras é possível identificar mais claramente suas ideias, filosofias de vida e reflexos de algumas informações que são até mesmo consideradas autobiográficas. Em sua busca por meios capazes de compreender e racionalizar os problemas vividos cotidianamente pelo homem, pode se identificar o caráter bastante pragmático revelado pela poesia do venusino e sua filosofia epicúrea.

a sua obra, as *Sátiras* e as *Epístolas* particularmente, é também um livro aberto, onde o leitor não encontra segredos, onde pode acompanhar o poeta passo a passo, compreender-lhe a índole, entrar em íntima comunhão com ele, percorrer com ele toda uma gama de sentimentos, da ira à tristeza, à dor, à alegria; onde, enfim, o leitor vive (CARRATORE, 2001, p. 50-51).

Faz-se necessário o seguinte recorte dentro das obras do autor em estudo neste trabalho: suas *Sátiras* muitas vezes criticam os vícios e as falhas humanas, enquanto suas *Odes* expressam uma visão de vida que valoriza a amizade, a moderação e a sabedoria. Essas diferenças podem ser atribuídas a alguns fatores tais como o amadurecimento e desdobramento da vida do autor, visto terem sido as *Sátiras* as primeiras obras publicadas e as *Odes* terem sido criadas bem próximas às últimas publicações. Sandra Oliveira (2009) em seu estudo a respeito das ressonâncias epicuristas na lírica horaciana, divide as *Odes* em seis tipos: odes morais, laudatórias, cívicas, religiosas, amorosas e báquicas. Dentre elas, as odes morais carregam o objetivo explícito de transmissão de algum ensinamento. Nessas odes, muitos dos temas trabalhados com intuito de ensinamentos morais podem ser relacionados a pensamentos filosóficos, tal como os disseminados pelo Epicurismo. Além disso, é possível inferir desde suas primeiras obras – neste momento, a partir do livro II das *Sátiras* – o simples modo de vida de Horácio. *Quae virtus et quanta, boni, sit vivere parvo*, “Viver com pouco é uma virtude tão grande e admirável, amigos!” (*Sátiras*. II, 2, 1).

Uma análise cuidadosa revela a evolução de Horácio ao longo de sua vida, demonstrando uma crescente maturidade e preocupação com os leitores, principalmente em sua obra conhecida como *Odes* (*Carmina*). Inicialmente reconhecido por suas obras de cunho satírico, nas quais expressava uma visão irônica e cética da existência, Horácio gradualmente voltou sua atenção para uma reflexão filosófica e moral mais profunda. Nessas composições, ele explora temas elevados, como a imortalidade da poesia e a importância de viver

autenticamente. Assim, Horácio revela-se um poeta maduro, empenhado em compartilhar conhecimentos e experiências para o enriquecimento espiritual dos seus leitores. Nesse contexto, o trecho selecionado de Enio Aloísio Fonda¹⁵ oferece uma perspectiva valiosa para compreender essa transformação e será apresentado a seguir.

Contudo, é inegável que Horácio se tenha preocupado, como todo intelectual da época, com as crenças supersticiosas enraizadas nas camadas menos avisadas e numa maioria ingenuamente crente. Não por isso, porém, pertence ele ao rol dos ateus declarados. Tudo indica que o Poeta admitia haver uma única divindade suprema a reger os negócios dos homens e dos demais deuses:

... Scimus ut impios

Titans immanemque turbam

Fulmine sustulerit caduco,

Qui terram inertem, que mare temperat

Ventorum et urbes regnaque tristia,

Divosque mortalesque turbas

Imperio regit unus aequo.

(Carm. III, 4, 42-48)

[Sabemos como Júpiter destruiu com raio arremessado os Titãs e sua enorme turba,

aquele que governa a terra imóvel, o mar com seus ventos, e rege sozinho com

justiça as cidades, os reinos dos mortos, os deuses e a turba dos homens.]

... qui res hominum ac deorum,

Qui mare ac terras variisque mundum

emperet horis,

Unde nil maius generatur ipso,

Nec viget quicquam simile aut secundum?

(Carm. I, 12, 14-18)

[Que direi antes senão render homenagens a Júpiter que governa as coisas divinas e

humanas, que regula o mar e as terras e o inverno por meio de estações variadas?

Donde advém que nada foi criado maior do que ele, e nada existe de semelhante ou

igual a ele.]

Gentis humanae pater atque custos.

¹⁵ FONDA, 1997, p. 65.

[Pai e conservador da raça humana.]

A evolução de Horácio ao longo de sua vida, ao voltar sua atenção para uma reflexão filosófica e moral mais profunda, transcendeu sua mera condição de poeta lírico e o tornou um pensador influente. Na época em que viveu, suas reflexões filosóficas ofereceram orientação e consolo para seus contemporâneos, proporcionando-lhes uma visão mais ampla da existência e uma abordagem mais sábia para os desafios da vida. Além disso, sua capacidade de expressar de forma eloquente e acessível questões complexas e universais trouxe um novo nível de apreciação pela poesia e pela filosofia. No contexto atual, os benefícios de Horácio persistem, pois suas obras continuam a ser estudadas e apreciadas, fornecendo uma fonte de inspiração e sabedoria atemporal. Sua reflexão filosófica e moral mais profunda nos convida a uma análise crítica pessoal e do mundo ao redor, incentivando a buscar a virtude, a autossuficiência e a serenidade interior. As palavras de Horácio ressoam através dos séculos, possibilitando, assim, um lembrete valioso da importância da reflexão e da busca pela sabedoria.

4.2 UM ESTUDO COMPLEMENTAR: O ESTOICISMO EM HORÁCIO

O estoicismo era uma escola filosófica grega que valorizava a busca da virtude, a aceitação serena do destino e a autossuficiência emocional. Neste ponto serão abordados principalmente os escritos satíricos de Horácio onde é possível identificar alguns princípios estoicos de sua poesia.

Um primeiro exemplo está presente na Sátira II, 6, em que Horácio discute o tema da riqueza e da avareza. No trecho abaixo verifica-se a crítica àqueles que se preocupam excessivamente com a construção de casas luxuosas, a acumulação de riquezas e o desejo cego pelo ouro, ressaltando a vaidade e a superficialidade dessas aspirações. Horácio enfatiza a importância da moderação, da simplicidade e da autossuficiência, valores estoicos que visam a alcançar a tranquilidade interior e a paz de espírito.

*Hoc erat in votis: modus agri non ita magnus,
hortus ubi et tecto vicinus iugis aquae fons
et paulum silvae super his foret. auctius atque
di melius fecere. bene est. nil amplius oro,
Maia nate, nisi ut propria haec mihi munera faxis.*

(Sat. II, 6, 1-5)

Isto estava nos meus desejos: uma extensão de terra não muito grande, onde houvesse um jardim e uma fonte de água corrente, vizinha à casa, e um pouco de vegetação, acima disso. Os deuses fizeram mais e melhor. Está bem. Nada mais peço, ó filho de Maia, senão que tu faças essas dádivas duradouras para mim.

Destaca-se também a Sátira II,7. Nesta, há um diálogo com profundas reflexões entre Horácio e seu escravo Davo. Na fala de Davo observam-se as contradições entre o que o poeta diz acreditar – em relação aos hábitos e valores – e o que faz de fato. Em passagem emblemática, Davo responde à pergunta feita por Horácio, que quer saber quem é livre, afinal, o escravo ou seu senhor?

*quisnam igitur liber? sapiens sibi qui imperiosus,
quem neque pauperies neque mors neque vincula terrent,
responsare cupidinibus, contemnere honores
fortis, et in se ipso totus, teres atque rotundus,
externi nequid valeat per leve morari,
in quem manca ruit semper fortuna. potesne
ex his ut proprium quid noscere?*

(Sat. II, 7, 83-89)

HORÁCIO: –Quem, então, é livre?

DAVO: – O sábio, que é senhor de si, que nem a pobreza, nem a morte, nem os grilhões aterrorizam, forte em resistir às paixões, em desprezar as honras e, todo concentrado em si mesmo, polido e redondo, para que nada do exterior possa tocá-lo, ainda que de leve, contra o qual a sorte se precipita sempre impotente. Podes, por essas características, reconhecer alguma como tua mesma?

Na sátira em questão é possível observar, nas palavras do servo, o que seria um comportamento sensato, virtuoso, digno de viver a vida: afastamento dos vícios; manter os (bons) costumes dos antepassados; preferir a tranquilidade do campo; ingerir refeições simples; enfim, manter a serenidade do espírito e a virtude. Pode-se dizer que o poeta convida seus leitores a adotar uma abordagem mais moderada e equilibrada em relação aos bens materiais e ao sucesso. Dessa forma, o autor latino sugere que o caminho para a felicidade está na moderação, na sabedoria e na aceitação das circunstâncias da vida. Horácio mostra que a ganância excessiva leva à insatisfação constante e à infelicidade. Estes ensinamentos podem vir a servir de encorajamento aos seus leitores – tanto na antiguidade quanto atualmente – a viverem de forma equilibrada, o contentamento com as coisas simples e a valorização ao que é realmente importante.

Esses traços estoicistas complementam sua visão epicurista, acrescentando uma dimensão de equilíbrio e sabedoria em sua abordagem filosófica. Embora Horácio não adote uma postura estritamente estoica em sua obra, esses exemplos revelam sua inclinação em direção a valores estoicos, como a aceitação do destino, a importância da virtude e o valor da moderação.

Por outro lado, o trecho retirado de Fonda (1997) e apresentado a seguir ilustra momentos em que o autor romano reprova, minimiza e ridiculariza alguns dos extravagantes adeptos do estoicismo, e, além disso:

zomba também de certos preceitos deste, quando, em suas Sátiras, assevera:

1 – que todo néscio é um louco (Sat. II, 3, 320-321);

2 – que só o sábio é livre (Sat. II, 7, 83);

3 – que só o sábio faz todas as coisas do melhor modo possível

(Sat. II, 3, 124-125).

Não deixa também de reprovar, severamente, aquele célebre paradoxo dos estóicos, segundo o qual todos os erros, na sua intensidade, são idênticos e não apenas semelhantes (Sat. I, 3, 96-98 e 115-117).

Ao satirizar esses indivíduos e expor seus comportamentos exagerados, Horácio questiona a rigidez e a inflexibilidade do estoicismo extremo, mostrando os exageros e as contradições presentes nas atitudes daqueles que se consideram virtuosos e sábios. Busca desmascarar a postura pretensiosa e despropositada adotada por alguns seguidores dessa filosofia e, ao fazê-lo, essa crítica humorística e irônica não apenas traz um elemento de entretenimento à obra de Horácio, mas também desafia a visão excessivamente austera do estoicismo e convida os leitores a adotarem uma postura mais equilibrada e sensata diante da vida.

5 CONCLUSÃO

Neste trabalho, foram realizadas diversas análises a respeito do pensamento filosófico em Roma, com foco especificamente na corrente filosófica epicurista, mas perpassando também pela estoicista, bem como a importância de alguns autores latinos na transmissão desses ensinamentos. Além disso, examinamos as influências do pensamento filosófico em Horácio e sua obra, e como ele transmitia suas reflexões por meio de recursos estilísticos literários.

No contexto das considerações gerais sobre o pensamento filosófico em Roma, observamos que a literatura grega desempenhou um papel significativo na formação do pensamento romano. A chegada da literatura grega a Roma permitiu que os romanos tivessem acesso a um rico conjunto de ideias e conceitos filosóficos. Essa influência, combinada com a busca de uma identidade literária nacionalista romana, acabou por moldar o pensamento filosófico em Roma. Um aspecto interessante é que, com a influência da cultura grega, o individualismo passou a ganhar força no pensamento romano, marcando uma distinção em relação ao pensamento coletivista grego. Contudo, o conceito de *mos maiorum* permanece presente na identidade nacionalista da época e há uma busca constante por sua preservação.

No que diz respeito ao estoicismo e ao epicurismo em Roma, foi possível observar que ambas as correntes filosóficas tiveram sua relevância na sociedade. No entanto, pode-se identificar a sobressalência do epicurismo, pois são essas as ideias que prevalecem em Horácio. O epicurismo enfatiza a busca pela tranquilidade e o prazer moderado, promovendo uma visão de vida mais serena e contemplativa. Essa filosofia ressoa nas obras de Horácio, especialmente em seus poemas líricos, nos quais ele expressa seu amor pela simplicidade e sua busca pela serenidade interior.

Cícero, por sua vez, desempenhou um papel fundamental na transmissão dos ensinamentos literários filosóficos romanos. Como um dos mais importantes oradores e políticos romanos, Cícero dedicou-se a popularizar as ideias gregas entre os romanos. Traduziu e adaptou várias obras filosóficas gregas para o latim, tornando-as mais acessíveis e compreensíveis para o público romano. Essas traduções permitiram que os romanos tivessem acesso às ideias e aos princípios do pensamento grego, familiarizando-se com seus conceitos e doutrinas.

Em seus poemas, Horácio frequentemente se baseava em sua própria vida e experiências pessoais para transmitir seus ensinamentos filosóficos. Ele retratava sua busca

pela tranquilidade e seu desejo de encontrar um equilíbrio entre prazer e moderação. Ao mesmo tempo, Horácio espelhava a sociedade romana da época, revelando as contradições e os vícios presentes na busca desenfreada por poder e riqueza.

Embora seja possível identificar alguns pontos estoicistas em sua obra, Horácio era, em essência, um epicurista. Sua poesia reflete a valorização da amizade, do prazer moderado e da busca pela serenidade interior. No entanto, é importante ressaltar que Horácio não aderiu rigidamente a uma única filosofia, mas sim incorporou elementos de várias correntes em sua obra, adaptando-as às suas próprias experiências e visão de mundo.

Em suma, este estudo permitiu uma compreensão mais aprofundada do pensamento filosófico em Roma, destacando a importância da literatura grega, a ascensão do individualismo e a relevância do epicurismo na obra de Horácio. Além disso, foi analisado o papel de Cícero como transmissor dos ensinamentos filosóficos romanos e foram explorados os recursos estilísticos literários utilizados por Horácio para transmitir sua visão da filosofia. Ao final, conclui-se que Horácio era, predominantemente, um poeta epicurista, cuja obra reflete a busca pela tranquilidade e a valorização do prazer moderado em meio às complexidades da sociedade romana.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARDOSO, Zélia de Almeida. **A literatura latina**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- CARRATORE, Enzo Dell. Introdução ao estudo das sátiras de Horácio. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 2, 2001. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3193> Acesso em: 18 jun. 2023.
- CUNHA, Alice da Silva. A ressonância epicurista na literatura latina. **Calíope – Presença Clássica**, jan/jun 1985, Ano II, n. 2. Departamento de Letras Clássicas – Faculdade de Letras – UFRJ.
- EPICURO. **Cartas de Epicuro: sobre a felicidade, sobre os fenômenos celestes, sobre a filosofia da natureza**. Tradução: Edson Bini. 1. ed. Edição Bilingue. São Paulo: Edipro, 2021.
- FERNANDES, R. M. Rosado. Introdução, tradução e comentário. In: HORÁCIO. **Arte poética**. Edição bilingue. Introdução, tradução e comentário de R. M. Rosado Fernandes. Lisboa: Editorial Inquérito, 1984.
- FONDA, Enio Aloisio. O ecletismo filosófico de Horácio. **Trans/Form/Ação**. Universidade Estadual Paulista, Departamento de Filosofia, v. 20, n. 1, p. 57-69, 1997. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/28227> . Acesso em: 18 jun. 2023.
- HORÁCIO. **Arte poética**. Edição bilingue. Introdução, tradução e comentário de R. M. Rosado Fernandes. Lisboa: Editorial Inquérito, 1984.
- HORÁCIO. **Sátiras**. Tradução e comentários de Edna Ribeiro de Paiva. Niterói, RJ: Editora UFF, 2013.
- MONTAGNER, Aírto Ceolin. **Literatura Latina: histórias, sociedade, autores, obras**. 1. ed. Rio de Janeiro: Autografia, 2021. v. I.
- OLIVEIRA, Sandra Verônica Vasque Carvalho de. **Ressonâncias Epicuristas na Lírica Horáciana**. Orientador: Prof.^a Dr.^a Vanda dos Santos Falseth. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras Clássicas) - Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Rio de Janeiro, 2009.
- PAIVA, Edna Ribeiro de Paiva. Tradução e comentários. In: HORÁCIO. **Sátiras**. Tradução e comentários de Edna Ribeiro de Paiva. Niterói, RJ: Editora UFF, 2013.

SEABRA FILHO, José Rodrigues. Sátira e Retórica. **Revista Eletrônica De Estudos Integrados Em Discurso E Argumentação**, 9(1), 56-66, 2015. Disponível em:

<http://periodicos.uesc.br/index.php/eidea/article/view/836> Acesso em: 18 de junho de 2023

SILVA, Agostinho da. **O epicurismo: contendo uma antologia de textos de Epicuro e da Natureza de Lucrecio**. Estudos introdutórios de E. Joyau, G. Ribbeck. Introdução de Ivan Luis. Rio de Janeiro: Globo, 1966.

SILVA, Marilda Evangelista dos Santos. O amor e uma reflexão filosófica em Horácio. **Calíope – Presença Clássica**, Rio de Janeiro, RJ: Janeiro/Junho, ano 1987, n. 6, p. 89-98, Semestral.

STOCK, George. **Estoicismo: Guia Definitivo**. Tradução: Alexandre Pires Vieira. São Paulo: Montecristo, 2020.

TRINGALI, Dante. **A Arte Poética de Horácio**. 1 ed. São Paulo, SP: Musa Editora, 1994.

TRINGALI, Dante. **Horácio, Poeta da Festa: Navegar não é preciso**. 3 ed. São Paulo, SP: Musa Editora, 1995.